

Emigração de jovens do noroeste de Portugal. Mobilidades oitocentistas

*Henrique Rodrigues**

Introdução**

O século XIX promoveu novas dinâmicas migratórias transatlânticas, de Portugal e de outros países europeus, para a América Latina. O aparecimento dos vapores muito contribuiu para a ligação de ambas as margens do Oceano, impulsionando a circulação de pessoas e correspondências. Muito tem sido dito e escrito sobre quantos saíram, de onde partiram e para onde se deslocaram, e até se fizeram projeções de clandestinos e teceram-se ficções sobre o perfil do emigrante. As abordagens sustentadas em fontes quantitativas e no imaginário dos investigadores pouco esclarecem sobre a pessoa que deixou a terra e se fixou em outras paragens. Os principais trabalhos produzidos no século XX centraram-se em dados quantitativos, fazendo corresponder o número de embarcados aos totais de emigrantes. Daqui resultaram impressionismos deturpadores dos tipos de mobilidades. Usaram-se, também, listas de entradas nos portos brasileiros,¹ mas os números nem sempre correspondem aos que são apurados nos locais de emissão de licença de saída, por serem de natureza diferente e sem homogeneidade.²

Importante é conhecermos quem requereu documentação para se ausentar de Portugal; cada um dos emigrantes. A fonte mais completa, e que

* Pesquisador no CETRAD/APHVIN-GEHVID.

** O texto foi vertido para as normas ortográficas em uso no Brasil.

Pontes entre Europa e América Latina. Histórias de migrações e de mobilidades/ *Puentes entre Europa y América Latina (XIX-XXI)*. Historias de migraciones y de moviidades

temos estudado desde finais dos anos oitenta do século passado, foi produzida pelos Governos Civis, entidades emissoras de licenças de viagem para o estrangeiro; tratam-se de *Livros de Registos de Passaportes* (L.P.) e dos respectivos documentos processuais. Estes livros resumem o essencial do perfil do impetrante; umas vezes com elementos de identificação pormenorizados, outras mais breves, por terem estrutura variada e porque foram elaborados por diferentes escrivãos, ao longo dos tempos. As várias certidões exigidas para prova da identificação, existentes nos processos respectivos, contendo idade, sexo, data de nascimento, casamento, óbito, estado civil, filiação, naturalidade, residência, destino, profissão, além do retrato sinalético e do perfil cultural, através da assinatura, dentre outros dados, permitem-nos conhecer o emigrante de oitocentos e também os quadros familiares.

A organização do nosso texto começa com uma abordagem relativa ao embarque de crianças e jovens celibatários sem referência profissional. Depois analisaremos um grupo identificado por caixeiros e estudantes à data da aquisição de passaporte. Para uma visão mais abrangente desses movimentos, trataremos da mobilidade de um grupo constituído por ambos os sexos, de idades entre os seis e os vinte e cinco anos, congregando os casos anteriores, para chegar a uma visão de conjunto. Assim, pretendemos, a partir de abordagem por segmentos, apresentar perfis do emigrante do século XIX, desmistificando ideias feitas e sem sustentabilidade, por estarmos perante mobilidades dominadas pela juventude letrada dos Oitocentos.

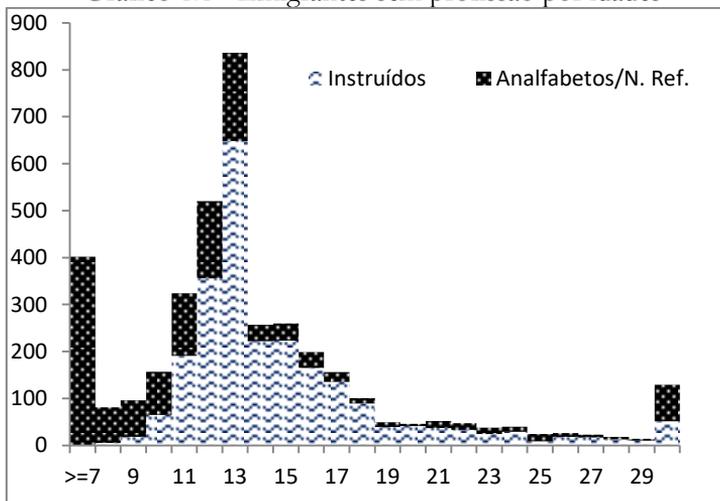
A. Jovens sem profissão declarada

Selecionamos um grupo de emigrantes em um volume superior a três dezenas de milhares de pessoas documentadas em Viana do Castelo, quase sempre rapazes averbados no passaporte de um requerente familiar. Por se tratar de uma saída sem licença em nome próprio, alguém registrado no passaporte de um impetrante mais velho, nem sempre foram averbadas informações sobre todos os quesitos destes acompanhantes, por não terem eles obrigação de assinar o documento de viagem nem de registrar outros dados, como a atividade profissional, nem mesmo quando eram estudantes.³ Por se tratar de um grupo bem representativo, embora nele tivéssemos incluído os menores de dez e maiores de quinze anos, procedemos a uma reflexão sobre a mobilidade de crianças e adolescentes.

Os jovens não identificados profissionalmente faziam a viagem sob a tutela de alguém, que assumia a liderança da viagem como irmãos, pais, parentes e amigos dos pais ou, mesmo, como paroquianos conhecidos. Nesse contexto, entre os solteiros sem mister anotado, cujo total é de 3895, selecionamos o movimento de celibatários dos onze aos vinte anos, idade a partir da qual os fluxos com esse perfil começam a diminuir (gráfico 1.1).

Nesse segmento os rapazes dos 11 e 20 anos, rubricam mais de 71% desse fluxo; entre eles há 1684 jovens dos onze aos treze anos, ou seja, 60,8% são adolescentes. Chegados à idade de catorze, a presença destes emigrantes diminui consideravelmente. O índice de literacia, todavia, comparado ao do analfabetismo ou de quem desconhecemos tais competências, é muito elevado, ficando sempre acima dos 83%, atingindo mesmo os 88,7% entre os de vinte anos, embora os quantitativos destes sejam mais reduzidos.

Gráfico 1.1 - Emigrantes sem profissão por idades



Fonte: RODRIGUES, 2003, pp. 582-6

Nesse segmento, os rapazes dos 11 e 20 anos rubricam mais de 71% desse fluxo. Dentre eles há 1.684 jovens dos onze aos treze anos, ou seja, 60,8% são adolescentes. Chegados à idade dos quatorze, a presença destes emigrantes diminui consideravelmente. O índice de literacia, todavia, comparado ao do analfabetismo ou de quem desconhecemos tais competências, é muito elevado, ficando sempre acima dos 83%, atingindo mesmo os 88,7% por volta dos vinte anos, embora os quantitativos destes sejam mais reduzidos.

O movimento dessas crianças, nos finais dos Oitocentos, acompanha a mobilidade de famílias, quando as mães decidem abandonar a casa, quase sempre com o objetivo de reorganizarem a vida junto aos cônjuges, radicando-se além do Atlântico. Os maridos emigrantes debatiam-se com uma conjuntura econômica desfavorável, devido à desvalorização da moeda, o que também dificultava o envio de remessas e o regresso à aldeia.

Muitos desses rapazes tinham passado pela escola antes de deixarem a casa. Embora não haja menção expressa em como eram estudantes, a assinatura perfeita, própria de quem sabia escrever muito bem, faz prova de uma aprendizagem escolarizada, onde se ministrava caligrafia.

Tais quadros têm paralelismo com a emigração de colegas identificados como estudantes e caixeiros, a quem os pais proporcionaram o embarque, quase sempre até aos treze anos. Quem obtivesse a licença, depois dessa idade, tinha de prestar fiança para se ausentar do país. Antes de 1859, o mancebo podia sair “sem escolhos” até aos dezoito anos; depois dessa data, os maiores de treze ficaram abrangidos pela nova regulamentação, ficando comprometidos com o exército.⁴

Alguns eram meninos de sete anos, que tinham aprendido as letras antes de sair de casa, sendo arrancados da escola, iniciados ou não profissionalmente, seguindo rumo às terras de Vera Cruz, onde as competências acadêmicas seriam importantes para um trajeto de sucesso profissional.⁵

O destino, à semelhança de outros movimentos, está registrado por ‘Brasil’ ou Rio de Janeiro, locais indicados por 82,9% desses jovens. Depois aparecem Pará, São Paulo, Manaus e Bahia, mas os números são de expressão reduzida. Se poucos apontaram Santos, são dominados pelos de quem se ignora se sabiam ou não escrever; e para estes o indicador de alfabetização é baixo. O cenário é idêntico para São Paulo. Se uns sabiam escrever, outros não eram comprovadamente iletrados porque não referiram tais incompetências. Quem indicou Pernambuco exhibe marcas de instrução superiores aos oitenta pontos percentuais; depois estão a Bahia e o Pará; para esta última área há pouco mais de setenta assinaturas por cada cem indivíduos e só dois se declararam ignorantes do abecedário, não tendo os restantes mencionado o perfil de

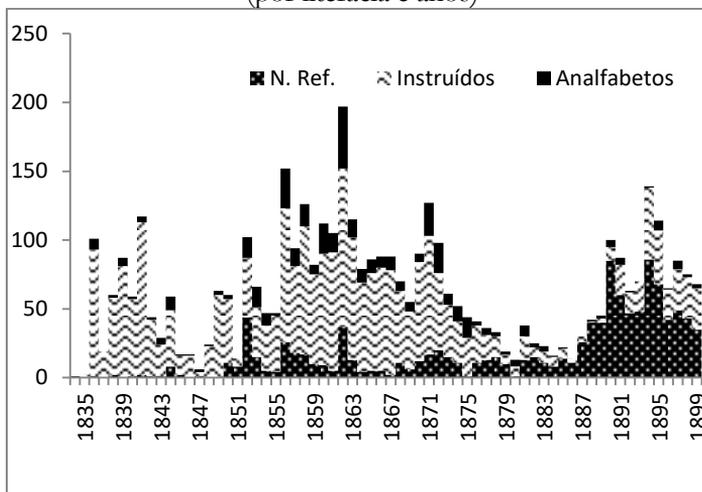
literacia. Os que apontaram o embarque para o Brasil, sem local específico, formam o maior grupo de analfabetos, com 13,5%, e os declarados sem competências para assinar, que seguiram rumo ao Rio de Janeiro, representam menos de oito por cento.

Tendo em vista que nesses cálculos inserimos os celibatários de todas as idades, nota-se uma presença considerável de crianças, donde resulta, globalmente, uma percentagem superior a 27% relativa aos que não deixaram referências quanto à instrução, por muitos serem menores de oito anos, enquanto apenas 9,9% foram declarados analfabetos.

Ao analisarmos estes fluxos por ano de saída, usando o gráfico 1.2, encontramos ciclos migratórios diferenciados de acordo com a literacia. Até meados da centúria, exibem índices de instrução elevadíssimos, cuja média é superior a 88%. Em um período de crise econômica, nos anos cinquenta, observa-se uma diminuição dos indicadores de cultura letrada. A partir de 1855 até 1871, as referências continuam elevadas, fixando-se acima dos 76% de rapazes sem mister declarado, a saber ler e escrever. Nos anos oitenta, com novas dinâmicas de mobilidade e maior presença feminina, inverte-se esse quadro, devido à entrada em cena de famílias, onde as crianças sem idade de escolarização têm bastante peso.

Esses rapazes, até o ano de 1877, exibem um perfil declaradamente letrado, quando uns pelos outros apresentam uma média de literacia de 76,6% para este período. Depois ocorre uma nova mobilidade, gente de todos os estratos sociais, onde a emigração familiar ganha espaço e surgem crianças na companhia de ascendentes, muitas vezes as próprias mães liderando o embarque para o Brasil, onde se encontrava o consorte.

Gráfico 1.2 - Emigrantes sem profissão
(por literacia e anos)



Fonte: RODRIGUES, 2003, pp. 582-6

Esses rapazes, até o ano de 1877, exibem um perfil declaradamente letrado, quando uns pelos outros apresentam uma média de literacia de 76,6% para este período. Depois ocorre uma nova mobilidade, gente de todos os estratos sociais, onde a emigração familiar ganha espaço e surgem crianças na companhia de ascendentes, muitas vezes as próprias mães liderando o embarque para o Brasil, onde se encontrava o consorte.

Na distribuição por anos de saída, onde apresentamos as variáveis de literacia e, em outra representação gráfica, por grupos etários, observa-se uma lógica de relação entre menores de dez anos e os ‘indeterminados’ quanto às capacidades de ler e escrever; ao mesmo tempo, enquanto os alfabetizados identificam-se com os emigrantes dos 11 aos 15 anos. Podemos asseverar o mesmo para quem tem mais de 21 anos, onde bem se evidencia o analfabetismo.

Há dois ciclos diferentes no tocante às saídas coletivas: as fraternas e as protagonizadas pelo sexo feminino. Nas primeiras destacam-se emigrantes maiores de onze, onde dominam os instruídos e menores de vinte; depois estão crianças com menos de dez, meninos saídos com mães, que aparecem sem referências de literacia, não tendo a maior parte deles idade de escolarização. Dos anos cinquenta aos setenta começam a despontar os analfabetos declarados, correspondendo em parte aos mais idosos, como referimos. A dicotomia desse segmento masculino assenta em mobilidade jovem e letrada versus adulta e analfabeta.

Em síntese, nesse movimento de sem anotação de mister, as crianças menores de dez anos representam 18,9% dos embarques, enquanto as menores de sete ultrapassam os 10% destes cálculos e os rapazes dos 14 aos 18 anos figuram com 25%. Como dissemos, a maior participação corresponde ao grupo dos onze a treze de idade, pois rubricam 43,5% da mobilidade masculina sem profissão registrada nos Livros de Passaportes. Estamos perante emigrantes maioritariamente escolarizados, detentores de competências para se integrarem em uma profissão ligada a atividades comerciais. No destino havia, muitas vezes, gente conhecida para acolher essas crianças e mancebos em casas de negócio.⁶

B. Trabalhadores do comércio e estudantes

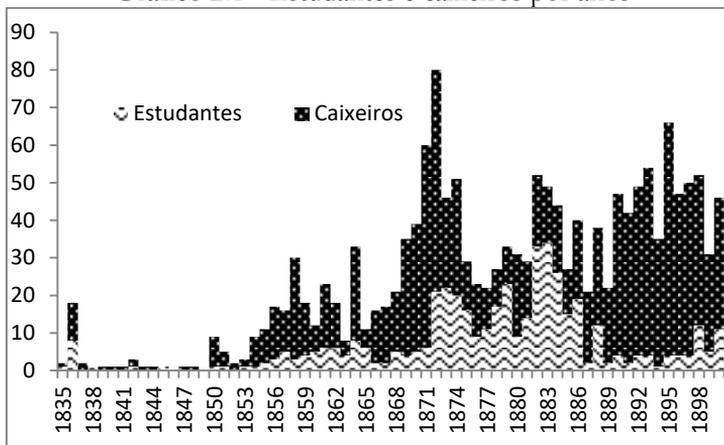
Outro segmento migratório, formado por rapazes saídos da escola ou iniciados numa atividade ligada ao comércio⁷, permite-nos uma abordagem relativa à ‘fuga’ de elites: meninos a quem a família proporcionou uma obtenção de competências necessárias para o futuro longe de casa. Tratam-se de lares com boas condições econômicas. Começavam por embarcar o filho mais velho

que, mais tarde, levaria os irmãos.⁸ Esse conjunto, identificado profissionalmente, aos quais associamos outros rotulados como “filhos-família”, tem em comum a preparação acadêmica: crianças, jovens ou mancebos preparados para atingirem o topo da pirâmide social e profissional, enquanto emigrantes no Brasil.⁹

A família não se coibia de deixá-los partir em tenra idade, com passaporte individual ou coletivo. Como os colegas anteriores, atravessavam o Atlântico, quase sempre, antes dos catorze anos, como referimos relativamente a quem não indicou a profissão. Em alguns casos, lares com quadros financeiros mais débeis obrigavam os progenitores à venda ou à hipoteca de bens.¹⁰ Em outras situações, quando se tratavam de órfãos de pai, mãe ou ambos os progenitores, esses meninos dispunham das heranças para preparação da viagem, assim como acontecia com filhos ilegítimos e expostos emigrantes.¹¹

Vejamos o movimento anual, seguindo o gráfico 2.1. Ao longo dos Oitocentos, estudantes e caixeiros estão presentes nessas travessias, até meados da centúriacentúria em veleiros e depois em vapores. Desde a década de quarenta, a sangria de futuros quadros ganha ritmo e é regular entre os grupos aqui abordados. Mas em relação ao movimento, não há expressão quantitativa até à década de cinquenta, embora acompanhem o ritmo dos fluxos. Depois dos anos setenta, mais notadas se tornam essas travessias. Se os caixeiros representam, entre 1872 e 1886, cerca de dois terços do caudal, os estudantes emergem com alguma visibilidade, devido ao impulso dado ao ensino pelas escolas privadas dos anos sessenta, no Noroeste de Portugal.¹² A marca dos marçanos está bem patenteada, tratando-se de jovens profissionais, quase sempre instruídos.

Gráfico 2.1 - Estudantes e caixeiros por anos



Fonte: RODRIGUES, 2003, pp. 552-5

A família preocupava-se com a preparação escolar e de empregabilidade dos filhos, tendo alguns destes prolongado a formação académica, sinal da existência de condições económicas nos lares, assumindo os pais a obrigação de custear despesas com o serviço militar, quando partiam com o perfil de mancebos, depois dos treze anos.

Os fluxos de adolescentes nascidos a partir de 1841 (saídos depois de 1854) são constantes. Relativamente aos caixeiros, quando ocorre a quebra nos volumes desse grupo, os estudantes repõem parte das falhas, pois nem sempre havia tempo e oportunidade para iniciar o tirocínio no mundo rural, porque a dedicação aos serviços comerciais tinha um carácter urbano dominante. Estes quadros promovem movimentações precoces de crianças, deixando diretamente a escola, sem terem adquirido experiência profissional, suspendendo os estudos para seguirem rumo ao Brasil.¹³ Os rapazes, quando se encontravam habilitados na arte de ler, escrever e contar, ou tinham alguma experiência no ofício de caixeiro, eram enviados para além do Atlântico. Nesse

contexto emergem as redes de solidariedade para com os adolescentes recomendados a parentes, amigos, compadres e conterrâneos, destinadas a empregarem-nos nas casas de negócio, onde faziam o tirocínio e se beneficiavam de apoio para atingirem os êxitos da emigração.¹⁴

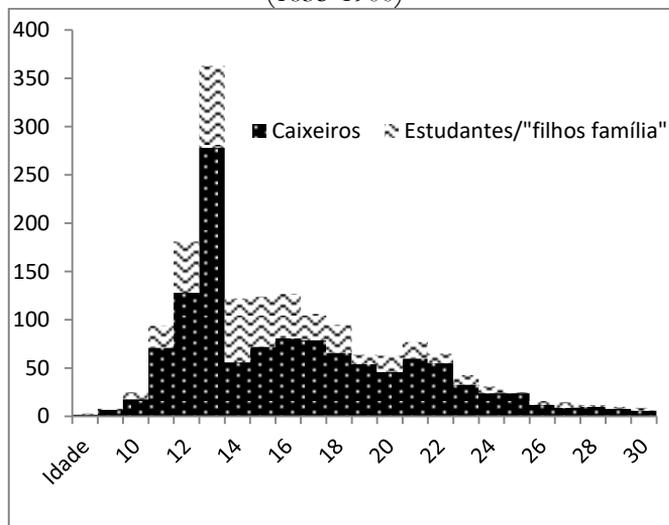
As gerações nascidas a partir da década de quarenta contribuíram com embarques ritmados, por isso importa conhecer as idades desses rapazes no momento da obtenção do passaporte, de forma a observarmos o perfil etário desta mão-de-obra adolescente.

Idade de embarque

Estes jovens apresentam quadros etários diferenciados entre eles; por um lado, há as gerações formadas por estudantes em mobilidade até os anos setenta; por outro lado, os caixeiros estavam enquadrados em períodos diferentes: uns viram a luz do dia na década de cinquenta e outros nasceram nos lustros de 1876-1885. Nota-se essa mesma tendência de descontinuidade, quando analisamos os níveis etários à data da obtenção do passaporte.

A distribuição por idades ajuda a perceber essa variável. (gráfico 2.2). Os marçanos ausentam-se na faixa dos doze/treze anos. Entre eles, os de letra caligráfica determinam a estrutura da pirâmide, mas alguns apresentam uma firma cujo *ductus* foi classificado ao nível das assinaturas menos cuidadas, podendo ser interpretado como tendo menor índice de escolarização ou, pelo menos, competências diferenciadas no que concerne à caligrafia. Estes são, quase sempre, rapazes mais velhos ou mancebos identificados com a atividade de caixeiro.

Gráfico 2.2 - Caixeiros e estudantes por idades
(1835-1900)



Fonte: RODRIGUES, 2003, pp. 552-5

Sobre um pequeno quantitativo, não apuramos o estado relativo à cultura das letras, sendo uns mais novos e outros de idade mais avançada, embora não tenham uma expressão digna de nota, nem podemos asseverar que se tratam de analfabetos, quando são oriundos de lares onde a cultura letrada coabitava, pois outros familiares sabiam ler e escrever.

Dissemos que os iniciados na atividade comercial partiam antes dos treze anos. Além dessa constatação, também há adolescentes embarcados dos quinze e aos dezassete, emigrantes a quem a lei permitia a saída antes dos 18 anos, até 1859, como referimos.¹⁵ A partida de filhos com mais de treze anos é um indicador da existência de condições econômicas no lar para arcar com tais compromissos, encargos tabelados oficialmente e difíceis de suportar por famílias sem recursos.¹⁶

Estes movimentos decaem depois dos dezesseis, embora haja caixeiros com vinte e cinco anos, sendo raros os emigrantes depois dessa idade. Sublinhemos, ainda, que os jovens de treze representam mais de vinte e dois por cento desse grupo, e, se lhes associarmos os de onze e doze, passam de trinta e nove em cem meninos iniciados na atividade comercial.

Os estudantes também deixavam a escola antes dos catorze, embora o arco dessa mobilidade vá dos doze aos dezesseis. Para estes, a decisão de partida depois dos treze poderá estar associada à necessidade de completar estudos, garantindo boa preparação acadêmica quando entrassem no Brasil. Nesse grupo, as assinaturas caligráficas e elevada destreza passam a casa dos noventa por cento, suplantando os caixeiros com letra cuidada. A principal nota vai para a tenra idade à data da travessia e para as competências de alfabetização que detinham. São rapazes instruídos e preparados para traçarem o futuro na outra margem.

Síntese

A mobilidade de estudantes, filhos-família e caixeiros, jovens instruídos e preparados para investirem o futuro em terras do Brasil, como outros grupos profissionais, revelam uma faceta da emigração escolarizada dos Oitocentos. São rapazes, adolescentes e mancebos com indicadores de habilitações com as três operações: ler, escrever e ‘contas’. Embarcavam depois de se habilitarem ou mesmo antes de concluída a formação acadêmica e, se possível, iniciavam um estágio na área comercial. Muitos fizeram carreira como negociantes e comerciantes, investiram em ações e destacaram-se na área dos negócios, como é o exemplo de Lebrão;¹⁷ outros regressaram identificados como capitalistas e banqueiros, vivendo de rendimentos, e muitos exibiram perfis filantrópicos,

quando retornaram à terra de origem, criando escolas e deixando bolsas de estudos para estudantes, mas não deixaram de registrar a diferença, através da opulência, adquirindo bens imóveis, construindo palacetes.¹⁸

Em uma época marcada pelo analfabetismo, saber ler, escrever e contar, ou tendo frequentado o ensino secundário e liceal, eram competências de famílias com recursos bastantes. Embarcar meninos de tenra idade, iniciados profissionalmente ou a frequentar a escola, para enfrentarem o futuro longe de casa, era uma decisão tomada e apoiada pelos ascendentes.

Devido ao tempo de formação acadêmica, os estudantes adiavam a debandada, outros completavam a formação escolar no Brasil, quando iam para junto dos progenitores.¹⁹ Os caixeiros aventuravam-se mais cedo no mundo do trabalho e saíam em fluxos anuais constantes. Se os colegiais registram um movimento brando da década de noventa, a ‘exportação’ mais expressiva destes escolares tem lugar entre 1872 e 1895, período correspondente a elevados movimentos de emissões de licenças para patricios de outras profissões.

A origem geográfica desses rapazes mostra-nos uma distribuição orientada pelas duas grandes vias fluviais do Alto Minho, havendo uma presença mais discreta de aprendizes das letras do interior do distrito de Viana do Castelo. Algumas terras, sem escola estatal também colaboram com adolescentes escolarizados, o que demonstra a capacidade financeira das famílias para proporcionarem a aprendizagem dos descendentes em paróquias onde havia professores (públicos ou particulares). A intervenção de agentes de ensino privado e doméstico, no qual muitos membros da Igreja ensinavam, difundindo cultura e preparando os rapazes para o sucesso longe da terra que os viu nascer, foi fundamental no contexto migratório.

Dos futuros quadros profissionais, perto de noventa, em cada cem fugas, identificaram o Brasil como destino concreto. Um pequeno grupo (4,2%) solicitou passaporte para as colônias portuguesas de África, além daqueles de quem não ficou esclarecida a área de fixação. Se a maioria registrou a ida para o 'Brasil', 28,9% apontaram o desembarque no Rio de Janeiro e 7,6% assinalaram a atracagem no Pará. Outras terras indicadas por estes jovens são: Pernambuco, Baía, Campos, Ceará, Grão Pará, Mácio, Manaus, Maranhão, Rio Grande do Sul, Santos, São Paulo e Vitória. Tais destinos, todos juntos, registram um volume pouco significativo, ficando pelas seis dezenas as entradas de rapazes com o perfil descrito.

A juventude portuguesa encontrava no Rio de Janeiro ou no Pará os locais mais apropriados para o êxito na área do negócio ou do comércio, se considerarmos as escolhas anunciadas ao obterem passaporte. Os caixeiros são mais precisos no registro do local de fixação e os estudantes indicaram como desembarque o 'Brasil' ou o Rio de Janeiro.

Em conclusão, os quadros preparados nas escolas públicas e privadas existentes no Noroeste de Portugal investiram, juntamente com outros patrícios letrados, no desenvolvimento do Brasil, onde muitos portugueses se fixaram definitivamente.

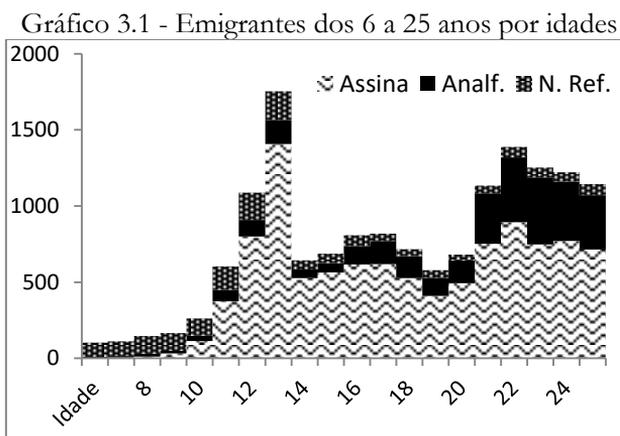
B. Mobilidade de jovens dos seis aos vinte e cinco anos

Tendo sido apresentada uma perspectiva fragmentada da saída de elites e de emigrantes sem profissão declarada, caracterizada pelo perfil jovem e letrado, é importante conhecermos o fluxo onde entram ambos os sexos, agregando uma faixa de vinte anos. Para o efeito, selecionamos quem tinha entre seis e vinte e cinco de idade, por tempos de partida, sexo, alfabetização e

enquadramento profissional, dentre outras variáveis, para uma visão de conjunto.

Primeira nota vai para o significado quantitativo desse movimento, que representa mais de 68% dos emigrantes com um passaporte, para o século XIX. Se lhes acrescentarmos os menores de seis anos, os valores sobem para 72,3%. Esses números são a prova do domínio da mobilidade oitocentista jovem.

Começemos por observar a composição etária (gráfico 3.1). Para o sexo feminino, a tendência é descendente dos seis aos catorze; depois dessa idade a curva inverte-se e vai crescendo até aos 25 anos, embora o caudal seja reduzido. Os rapazes exibem lógicas de embarque idênticas a outras referidas anteriormente, com explosão dos onze aos treze, seguindo-se uma quebra que vai dos catorze aos vinte, pelas razões já explicadas e associadas aos deveres dos mancebos. Depois dessa idade, inicia-se um ciclo de saídas volumosas, representando mais de 40% do fluxo, entre os 21 e 25 anos, em um universo de 15309 travessias, quando os colegas meninos, dos onze a treze anos, ficam pelos 22,5% dos embarques.²⁰



Fonte: AGC. *Livros de Passaportes*, 1835-1900. Elaboração própria.

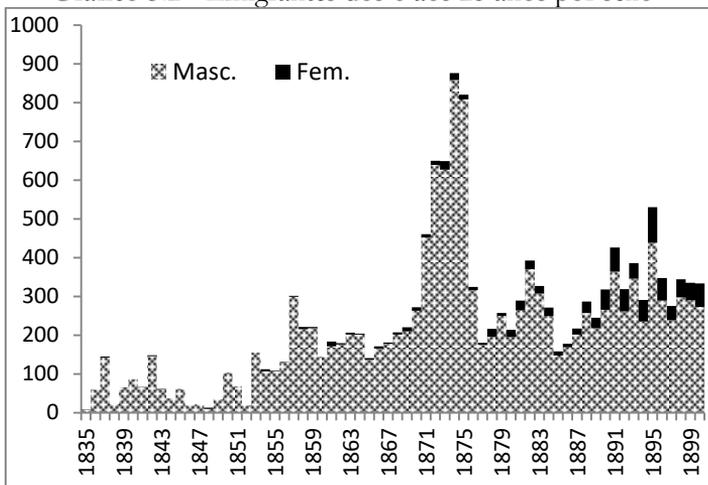
Pontes Europa-América Latina (XIX-XXI): histórias de migrações e mobilidades
Puentes entre Europa y América Latina (XIX-XXI): historias de migraciones y de movilidades

Nesse quadro etário, interrogamo-nos sobre o perfil de literacia. Globalmente, entre ambos os sexos e idades aqui representadas, os instruídos perfazem 67,8%. Os de treze a quinze anos apresentam índices de escolarização acima de 82%, confirmando-se a ‘fuga’ de instruídos de todas as profissões. Mas os indicadores vão diminuindo, à medida que o surto envelhece, especialmente entre os de 21 a 25 anos, faixa etária com os maiores volumes de iliteracia, rondando os 31%, embora, dentre eles, os alfabetizados sejam mais de 60%. Os ignorantes das letras, uns pelos outros e de ambos os gêneros, correspondem a 20,8%. Ao mesmo tempo, os adolescentes de 13 a 15 de idade também apresentam menos iletrados. Sobre quem não deixou assinatura (não referido), que correspondem a 11,5%, temos o maior peso entre os menores de onze anos; depois dessa idade, quase sempre, os emigrantes ou firmam o registo de passaporte ou declaram-se incapazes de fazê-lo.

Na distribuição desse movimento, por anos e sexo, domina o fluxo masculino, até 1887, pois as raparigas exibem uma presença muito reduzida antes dessa data (gráfico 3.2). A mulher tem mais visibilidade a partir dos catorze anos e é na década de noventa que ela emerge, quando as famílias se agregam junto do marido/pai, reorganizando o lar na outra margem do Oceano. À medida que os ‘corrimentos’ engrossam, como nos anos setenta e finais da centúria, é mais visível a presença do sexo feminino e de ignorantes das letras. Elas, nesse contexto etário, apenas representam 6,6% do movimento e saem, geralmente, em grupos com relações de parentesco.

No tocante ao masculino instruído, mais de 56% firmaram com perfeição, dando provas de dominar a arte caligráfica, revelando indicadores de boa formação académica.

Gráfico 3.2 - Emigrantes dos 6 aos 25 anos por sexo



Fonte: AGC, *Livros de Passaportes*, 1835-1900. Elaboração própria.

Sobre a origem geográfica, sem grandes detalhes, temos uma cobertura abrangente ao distrito de Viana do Castelo. Observa-se a concentração no concelho de Paredes de Coura, área do centro do Alto Minho. Todas as paróquias viram sair jovens para além do Atlântico. Os municípios do litoral e de fronteira ostentam boa dinâmica, assim como o de Ponte de Lima. Nas regiões de montanha, nos Arcos de Valdevez, Melgaço e Ponte da Barca, temos uma distribuição mais rarefeita, como seria previsível, não deixando de haver jovens nestas dinâmicas.

C. Atividades profissionais

Outra questão a colocar relaciona-se ao perfil dos menores de vinte e seis anos, relativamente às ocupações indicadas nos Livros de Passaportes. Foram nomeadas mais de meia centena de atividades entre os menores de 25 anos (tabela em anexo). Um quantitativo bem significativo não está identificado com

a ocupação: são 4656 e correspondem a 30,4% das deslocações, quadro que se conjuga com a emissão de licenças coletivas. Com percentagem idêntica, mas ligeiramente superiores, estão os lavradores/lavradeiras. Se uma boa parte não averbou a atividade, não deixa de ter relevo o perfil de cultura letrada, com 61,6% de assinaturas dos não identificados profissionalmente, percentagem superior à dos lavradores, embora a média do movimento seja mais elevada. Com impacto entre estes misteres estão os caixeiros e estudantes; sobre estes últimos já nos debruçamos. Os pedreiros e carpinteiros também têm relevo pelos quantitativos, com indicadores de literacia bem acima da média, apresentando-se os profissionais da madeira com 81,9% de alfabetizados; indicadores surpreendentes. Os jornaleiros também constituem um grupo com alguma relevância, pois não se tratam apenas de emigrantes iletrados, havendo entre eles mais de 63% assinaturas do nome.

Entre as jovens foram arroladas lavradeiras, costureiras, domésticas, criadas, jornaleiras e donas de casa. Os números - como anotamos - não são de grande monta e muitas das raparigas não se identificaram com qualquer atividade. As domésticas e donas de casa apresentam-se com mais de 62% de letradas relativamente ao próprio grupo.

Em outros casos, homens de sucesso, como comerciantes, negociantes, proprietários, escriturários, farmacêuticos, artistas, escultores, professores, padres, empregados e tipógrafos, estão entre os de maior nível de alfabetização, juntamente com caixeiros, estudantes e filhos-família.

O painel de misteres é representativo da emigração oitocentista do Noroeste de Portugal. Entre eles afirmam-se jovens destacados na pirâmide profissional e outros preparados para o sucesso, considerando as profissões elencadas e as competências identificadas.

Destino

Temos referido o Brasil como destino primeiro de maiores de seis e menores de 25 anos, embora haja um pequeno grupo direcionado para outras localidades. Perto de sete centenas registraram a ida para a Europa. Outros seguiram para vários locais de África, como Angola e Moçambique. Dentre estes, sublinhamos os índices de cultura letrada, posicionada acima de 68%, embora mais de 25% fossem declarados incapazes de escrever. Tais valores estão em linha com todo o movimento. Além desses, perto de cinco em cem não deixaram elementos sobre o destino, contudo o perfil de alfabetização é superior à média, ficando acima de 74%, relativamente ao próprio grupo, formado maioritariamente pelo sexo masculino.

Fixemos a atenção nos que embarcaram para a ex-colônia portuguesa do século XIX: o Brasil. Estes correspondem a mais de noventa por cento dos embarques. Como em outras situações, a informação sobre o destino é vaga, tendo sido apontado quase sempre o desembarque no 'Brasil' ou no Rio de Janeiro. Essas duas referências foram indicadas para mais de 89% dentre os que foram para 'terras de Vera Cruz'. Se o sítio ou estado concreto mais escolhido foi o Rio de Janeiro, seguem-se por ordem de valores: Pará, Manaus, Baía, São Paulo²¹ e Santos; todos com mais de cem registros; depois vêm: Rio Grande do Sul, Maranhão, Ceará, Grão-Pará, Minas Gerais e América. Se lhes associarmos os que não identificaram o lugar de ancoragem, o movimento de jovens é superior a catorze milhares e meio, dentre os quais há perto de mil do sexo feminino. Em síntese, se pouco se esclarece sobre o destino, o Rio de Janeiro atraía a juventude, sem deixar de haver opções por outros estados e cidades para fixação.

Notas finais

O estudo das mobilidades tem sido orientado com múltiplas perspectivas, quer usando fontes produzidas na origem ou no destino, e mesmo com recurso à história oral. Caracterizar os fluxos e rotulá-los, sem ter em conta os tempos da emigração, os contextos dos embarques, os perfis destes protagonistas, os aspectos culturais - que variam ao longo do tempo – e, ainda, os percursos de vida na terra de fixação e mesmo o retorno, leva o investigador a proferir afirmações e a obter resultados de conjuntura; estes não podem ser generalizantes, mesmo que tratem de embarques de um espaço ‘concelho’.

Os vários segmentos aqui apresentados exibem distintos perfis etários, embora sejam marcados pelos jovens de treze anos. Os emigrantes sem profissão declarada descrevem uma pirâmide diferente da dos caixeiros e estudantes. Estes mostram algum equilíbrio, depois dos treze anos, com um fluxo constante até aos dezoito, devido à saída de estudantes com mais idade. A presença de jovens instruídos sem atividade declarada é expressiva a partir dos nove anos, sendo um indicador da partida de crianças escolarizadas.

Comparando todo o movimento, que agrega quem embarcou dos seis aos vinte e seis, o perfil etário tem outra composição, diferenciando-se os vários segmentos. Na verdade, essas movimentações continuam a ser lideradas por crianças de treze anos; depois entra em cena o grupo dos maiores de vinte. Neste caso, se excluirmos os jovens de 12/13 anos, o desenho da pirâmide é de crescimento constante, excetuando a faixa dos dezoito a vinte, que exhibe uma quebra nos embarques.

As dinâmicas passam pela marca da juventude, onde as crianças têm uma presença assinalável pelos quantitativos e pelos índices de instrução, enquanto o

analfabetismo começa a se evidenciar a partir dos dezasseis anos e ganha mais expressão à medida que as idades vão aumentando.

As comparações dos tempos destas mobilidades têm ritmos variados, entre quem obteve licença sem indicar se exercia alguma atividade e os caixeiros e estudantes. Os primeiros desenham ciclos diferentes de outros fluxos, com maior expressão no período de 1853 a 1873. Depois dessa data, vão desaparecendo, para voltarem a dar sinal de alguma mobilidade nos anos noventa, por estarem integrados na emigração familiar. Por sua vez, os estudantes e caixeiros afirmam-se a partir de 1868. Se associarmos os dois tipos de movimentos, temos uma imagem dominada por crianças sem ocupação até meados da centúria, quando entram nestas dinâmicas os caixeiros e estudantes, dando volume aos caudais de jovens, ganhando mais expressão à medida que vão saindo menos rapazes sem registo profissional. Trata-se de uma mobilidade onde se conjugam os dois segmentos.

As oportunidades de êxito eram maiores quanto mais cedo os rapazes emigravam. Para o sexo feminino, a idade de catorze anos não era o momento de embarcar, elas ou saem mais novas, com os pais, ou a partir dos quinze, aumentando o número de partidas à medida que a idade avança.

Os tempos de embarque de caixeiros, estudantes e rapazes sem mister declarado são diferentes dos restantes colegas dos 6 aos 25 anos, onde temos emigrantes de todas as profissões.

As crianças e adolescentes sem iniciação profissional declarada integram-se em travessias coletivas, sendo a maioria acompanhante de familiares em primeiro grau, mas, também, com gente conhecida ou tios, primos, cunhados, dentre outros. Trata-se, quase sempre, de embarques com ligações de parentesco usando um só documento de viagem. Nestes casos, a faixa dos 11

aos 15 anos é dominada pelos escolarizados. Os caixeiros e estudantes, juntamente com o grupo anterior, considerando tratar-se de jovens alfabetizados, reúnem condições ímpares para gizarem um percurso no Brasil com êxitos profissionais. Era importante a preparação académica e o que fizeram esses jovens, tendo ou não iniciação nas atividades de comércio.

Globalmente, a saída de jovens menores de 26 anos corresponde, para o século dos Oitocentos, a um modelo de emigração dominado pelo sexo masculino, jovem e instruído, ao qual se associam outros mais idosos, casados e, na última década da centúria, a mobilidade feminina, quando as mulheres se viram obrigadas a juntar-se aos maridos.

Os fluxos dirigem-se, maioritariamente, para o Brasil, indicando como destino a capital ou referindo uma área indeterminada, além de outros estados e cidades, como: Pará, Manaus, São Paulo e Santos, Rio Grande do Sul, Baía, Ceará, Maranhão, Grão-Pará, Minas Gerais.

Com profissão declarada, destacam-se os lavradores, gente que tinha terras e gado, seguindo-se pedreiros, carpinteiros, jornaleiros, além dos já sublinhados caixeiros e estudantes. Outros, bem posicionados profissional e culturalmente, são elites onde estão: comerciantes, negociantes, professores proprietários, escriturários, farmacêuticos, artistas, escultores, padres, empregados e tipógrafos.

Tabela 1 - Jovens dos 6 aos 25 anos por atividade profissional e literacia (saídos entre 1835 e 1900)

Profissões	Assinam	Analfá.	N.Ref.	Total
Alfaiate	182	65	7	254
Alvanel	23	8	0	31
Artista	6	1	0	7
Barbeiro	42	5	1	48
Barqueiro	11	7	0	18

Pontes Europa-América Latina (XIX-XXI): histórias de migrações e mobilidades
Puentes entre Europa y América Latina (XIX-XXI): historias de migraciones y de movilidades

Emigração de jovens do noroeste de Portugal - Mobilidades oitocentistas

Caiador	115	51	3	169
Caixeiro	1349	16	22	1387
Canteiro	24	7	1	32
Carpinteiro	381	74	10	465
Comércio	123	3	4	130
Cordoeiro	3	0	0	3
Costureira	12	23	4	39
Criada	2	14	13	29
Criado	60	45	28	133
Doméstica	30	12	7	49
Dona de casa	2	0	0	2
Empregado(*)	11	0	0	11
Escriturário	20	0	0	20
Escultor	4	0	0	4
Estucador	21	2	3	26
Estudante	506	0	0	506
Farmacêutico	9	0	0	9
Ferrador	4	0	0	4
Ferreiro	84	17	0	101
Filho-família	28	0	0	28
Fogueteiro	5	3	0	8
Funileiro	10	0	0	10
Jornaleira	0	2	1	3
Jornaleiro	290	157	10	457
Lavradeira	10	90	16	116
Lavrador	2762	1666	169	4597
Marítimo	191	60	9	260
Negociante	95	2	3	100
Padeiro	6	9	4	19
Padre	4	0	0	4
Pedreiro	485	187	11	683
Pescador	18	9	1	28
Pintor	87	10	4	101
Pregueiro	4	3	0	7
Professor	3	0	0	3
Proprietário	66	2	4	72
Sapateiro	106	40	1	147
Serrador	6	1	0	7
Serralheiro	20	2	1	23
Servente	77	98	11	186

Pontes Europa-América Latina (XIX-XXI): histórias de migrações e mobilidades
Puentes entre Europa y América Latina (XIX-XXI): historias de migraciones y de movilidades

Tamanqueiro	9	3	0	12
Telheiro	23	3	0	26
Tipografo	7	0	0	7
Trabalhador	73	60	4	137
Várias	102	31	2	135
Não Ref.	2868	389	1399	4656
Total	10379	3177	1753	15309

(*) Empregados públicos, empreiteiros, empregados do tabaco, saboaria. Fonte: AGC. *Livros de passaportes*, 1835-1900. Elaboração própria.

Entre os jovens menores de 25 anos encontram-se os representantes da mobilidade do Noroeste de Portugal no século XIX.

¹ Sobre as listas de emigrantes ao desembarque, ver, dentre outros: MATOS (2007), in SOUSA E MARTINS, (eds.), pp. 291-304.

² MARTINS (2007), in *ibidem*, pp. 79-88.

³ Como simples exemplo, remetemos para um passaporte coletivo em nome de Hermenegildo Solheiro, estudante saído com 13 anos. Regressou com o estatuto profissional de negociante e reembarcou levando os irmãos José e Cícero, de 16 e 14 anos. Estes rapazes tinham conhecimentos de caligrafia, mas não temos informação sobre a profissão. Também é certo que os pais tinham capacidades para proporcionarem estas viagens, ficando com compromissos relativos ao serviço militar de dois filhos. AGC. LP. n.º 47, f. 169v passaporte n.º 512, emitido em 20 maio 1893. Os três irmãos assinaram o respectivo livro.

⁴ Cf. Portaria de 2 de Julho de 1859, in *Diário do Governo n.º 159*, 9 jul. 1859, p. 931.

⁵ O sucesso destes jovens era visível por volta dos trinta anos, tendo alguns iniciado o trajeto antes dessa idade, a partir dos vinte. Ver MENEZES e CYPRIANO (2008), in MATOS; SOUSA e HECKER, pp. 103-18.

⁶ A distribuição de comerciantes por ramos de actividades, no Rio de Janeiro, entre 1851-1870, dá conta dos seguintes grupos, com duas centenas ou mais registos: fazendas e roupas feitas, comissões e descontos, secos e molhados; entre cinco e sete dezenas de casos temos: ferragens e metais, agropecuária e agentes auxiliares do comércio. A listagem continua e pode ser consultada em MENEZES; CYPRIANO (2008), p. 109.

⁷ Nesta parte do texto seguimos as principais ideias apresentadas no nosso trabalho. Ver RODRIGUES (2017), in XVIII Congreso AHILA, pp. 1253-1277.

⁸ Numa análise às emissões de licenças coletivas, as redes familiares emergem em torno de saídas fraternais, seguidas dos progenitores, o pai ou pai/mãe. Depois vêm os tios/tutores com sobrinhos e em quarta posição os primos. Também se encontram cunhados, avós, padrastrós e, por fim, na última posição, patrões com criados e

colegas averbados no mesmo passaporte. Relativamente ao estudo, BOSCHILIA (2014), in SOUSA et alii, p. 250, cf. a informação de que "...muitas crianças viajassem na companhia de um de seus progenitores, de parentes ou de vizinhos, também havia aquelas que eram levadas por pessoas absolutamente desconhecidas."

⁹ Tomemos apenas os exemplos de titulados de viscondes, comendadores, ou identificados como proprietários e capitalistas: Visconde Amoroso Lima, Comendador Jerónimo da Costa Jácome, José Augusto Palhares Malafaia (capitalista), Manuel Lebrão (fundador da confeitaria Colombo no, Rio de Janeiro), emigrantes saídos do Alto Minho, dentre muitos outros homens de sucesso, embarcados de terra idade para o Brasil.

¹⁰ São vários os exemplos de família que hipotecaram os haveres para a saída de membros do lar, o confirmam as correspondências do destino. Um exemplo paradigmático foi anotado por António José Cerqueira, emigrante de muito sucesso, quando esteve de férias (em viagem pelo Minho) e encontrou a mãe e tias de um colega na miséria, com as casas penhoradas. Perante esse quadro, denuncia-o a colegas e transmite ao filho/sobrinho a necessidade de fazer chegar apoio à mãe e tias. «Hoje fui fazer uma visita a sua mãe, a qual tem saudades, porem, tanto ella como suas tias vivem na maior miséria que é possível. Fui informado que ellas tem vergonha de pedirem pelas ruas e, por isso, ficão em casa esperando que alguma alma caridosa lhes mande em casa um pedaço de broa e, senão (sic) fosse assim, já terião morrido de fome; enfim, fui informado que ellas tem dias que nem ao menos tem um pedaço de pão para comerem. Não têm roupa e a casa em que vivem está hipotecada e quase a cahir.» Cf. Carta de António José Cerqueira, dirigida a Manuel José da Rocha Azevedo, Ponte de Lima, 4 de Junho de 1876, arquivo pessoal de Henrique Rodrigues..

¹¹ Sobre estas mobilidades ver os nossos trabalhos: *Expostos no Alto-Minho no Século XIX e Contextos Migratórios* (2005); "Emigração de filhos ilegítimos no século XIX, uma análise aos passaportes emitidos em Viana do Castelo", em *Actas do IX Congresso da ADEH - Asociación Ibérica de Demografía Histórica* (2010), sessão 13; "Emigração de órfãos no século XIX com passaporte obtido em Viana do Castelo", em TRISTAN e CALVO GONZÁLEZ - eds. (2010). *Actas do Congresso Internacional*, Santiago de Compostela, pp. 949-72.

¹² RODRIGUES (1995), pp. 76-80; pp. 206-12.

¹³ Pela lista de estudantes do professor Miguel Roque dos Reis Lemos, de 1860, conhecemos alunos dados como tendo deixado de estudar para emigrarem, como Manuel Álvares Vaz, de 12 anos de idade, filho de um lavrador de São João da Ribeira, Ponte de Lima, "sahiu em Março de 1860 e embarcou para o Brasil", abandonando o ensino secundário a meio do percurso. Cf. Arquivo do Liceu de Viana do Castelo. *Mappa do movimento annual da Eschola de latim e Latinidade*, de Ponte de Lima, em 10 de Setembro de 1860, doc. avulso. No cruzamento de outras fontes, como os *Livros de Recenseamento Militar*, encontramos mancebos estudantes, outros

ausentes da residência e outros como emigrantes no Brasil, sinal de terem saído antes dos catorze anos.

¹⁴ Várias fontes mostram a existência destes apoios, visível em testamentos de emigrantes de sucesso. Outros exemplos encontram-se nas correspondências, como a carta de Cipriano Costa dirigida a José Augusto Palhares Malafaia, capitalista brasileiro que recomendou a um amigo um afilhado, dando nota das qualidades do jovem protegido. Cf. RODRIGUES (2005), pp.1693-4.

¹⁵ Sobre esta questão, ver nota 4.

¹⁶ RODRIGUES (1995), pp. 41-4.

¹⁷ Manuel José Lebrão, natural de Sopo, Vila Nova de Cerveira, nascido a 20 de Fevereiro de 1868, obteve passaporte aos 17 anos, em 1885, indo para o Rio de Janeiro, com autorização dos pais; fundou a Confeitaria Colombo em 1894, uma referência neste *setor*, no Rio de Janeiro. Cf. AGC, L.P. n.º 40, f. 74v, passaporte n.º 177.

¹⁸ São vários os portugueses envolvidos na banca, como sócios ou fundando agências. Sobre este quadro, devidamente anunciado no Almanack-Anuário de 1902-1903, o leitor tem ao dispor o texto de FRUTUOSO (2008), in MATOS; SOUSA e HECKER, (eds.), pp. 141-154.

¹⁹ AGC. *Carta* do Processo do Passaporte número 37 datado de 18 abr. 1886. “O Eduardo, logo que chegue cá, vai para o colégio acabar de se preparar para o comércio e o Manuel com ele, isto é questão, o muito, de cinco ou seis anos”. Ver também: Processo do Passaporte número 362 datado de 25 out. 1886.

²⁰ Para o Norte de Portugal, numa abordagem onde entram os distritos de Braga e Viana do Castelo, Aveiro, Porto, Viseu e Bragança, na faixa dos 10 aos 14 anos, os de treze representam 43% do movimento juvenil, segundo BOSCHILIA (2014), in SOUSA et alii, p. 244.

²¹ Para este estado/cidade, em meados da centúria, também se verifica o predomínio de celibatários, entre caixeiros. BASTOS (2008), in MATOS; SOUSA e HECKER (eds.), pp. 138-40.

Referências bibliográficas

BASTOS, Sênia (2008). Na cidade de São Paulo em meados do século 19. In: Maria Izilda MATOS, Fernando de SOUSA e Alexandre HECKER, (eds.) *Deslocamentos e Histórias: os portugueses*, São Paulo, Editora da Universidade do Sagrado Coração, pp. 138-140.

BOSCHILIA, Roseli (2014). Pequenos viajantes; reflexões sobre o deslocamento de menores da região Norte de Portugal para o Brasil do século XIX. In: Fernando de SOUSA, et alii, *Portugal e as Migrações da Europa do Sul para a América do Sul*. Porto: CEPES.

FRUTUOSO, M. (2008). A presença de portuguesa no comércio em Santos. In: Maria Izilda MATOS; Fernando de SOUSA e Alexandre HECKER, (eds.). *Deslocamentos e*

Pontes Europa-América Latina (XIX-XXI): histórias de migrações e mobilidades
Puentes entre Europa y América Latina (XIX-XXI): historias de migraciones y de movilidades

- Histórias: os portugueses*, São Paulo, Editora da Universidade do Sagrado Coração, pp. 141-54.
- MARTINS, Ismênia (2007). Relações e registros sobre a imigração portuguesa no Rio de Janeiro. Uma análise crítica das fontes. In: Fernando de SOUSA e Ismênia MARTINS, (eds.) *A emigração portuguesa para o Brasil*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 79-88.
- MATOS, Maria Izilda de (2007). Imigração portuguesa em São Paulo: perspectivas e possibilidades de investigação. In: Fernando de SOUSA e Ismênia MARTINS, (eds.) *A emigração portuguesa para o Brasil*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 291-304.
- MENEZES, Lená M. De; CYPRIANO, Paula (2008). Imigração e negócios; comerciantes portugueses segundo os registros do Tribunal do Comércio da Capital do Império (1851-1870). In: Maria Izilda MATOS, Fernando de SOUSA e Alexandre HECKER, (eds.) *Deslocamentos e Histórias: os portugueses*, São Paulo, Editora da Universidade do Sagrado Coração, pp. 103-118.
- RODRIGUES, Henrique (1995). *Emigração e Alfabetização, A Miragem do Brasil*. Viana do Castelo: Governo Civil, pp. 76-80.
- _____ (2005). *Expostos no Alto-Minbo no Século XIX e Contextos Migratórios*. Viana do Castelo: ed. Autor.
- _____ (2010). Emigração de filhos ilegítimos no século XIX, uma análise aos passaportes emitidos em Viana do Castelo. *Actas do IX Congresso da ADEH* (Asociación Ibérica de Demografía Histórica), versão digital.
- _____ (2010)“Emigração de órfãos no século XIX com passaporte obtido em Viana do Castelo”. In: Eduardo Rey TRISTAN e Patrícia Calvo GONZÁLEZ (eds.) *Actas do Congresso Internacional 200 Santiago de Compostela*: Universidad de Santiago de Compostela, 2010, versão digital, pp. 949-72.
- _____ (2017). Representações do emigrante português e memórias escritas, uma análise ao movimento de elites e à correspondência oitocentista. *Actas do XVIII Congreso AHILA, Simpósio “Puentes entre Europa y América Latina: Historia, Memoria y Representaciones en el Diálogo entre el Individuo y el Colectivo”*. Valência: AHILA, pp. 1253-77.